

BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1900

N.º 43

Os Irmãos Andresen



Alberto Andresen

Julio Andresen

João Andresen

CHEFE DA CASA
Fallecido no Porto em Outubro de 1900

São os tres socios da importante casa commercial Andresen, do Porto. João Henrique Andresen, que falleceu o mez passado, era o continuador intelligente da obra de seu pae. A sua casa do Porto e a de Manaos (Brasil) cada vez mais prosperas tiveram sob a sua gerencia um desenvolvimento enorme. E' que elle sobre ser um negociante activo e fino era tambem um rapaz de uma grande illustração, adquirida na Allemanha onde foi educado e depois na applicação persistente dos negocios commercaes. O *Brasil Portugal* presta hoje a um tempo homenagem ao irmão que morreu e aos irmãos que lhe succedem na gerencia da sua casa.

O Porto e o Rei



TRADIÇÃO de leal cidade não podia desmentir o Porto ao receber dentro dos seus muros o chefe do Estado. Se a visita real á laboriosissima capital do norte não tivesse outras vantagens esta lhe bastava: a da affirmação da sua crença politica, da sua secular identificação com a monarchia. E não se diga que era escusada a prova. Nunca, ao contrario, mais necessaria ella se tornou, porque absolutamente urgente-

mente, a reclamavam ambições desenfreadas, erros de dirigentes aos quaes tem estado entregue o país, campanhas politicas imprecisas mas esperanças e renitentes, tricas eleitoraes que apparentam muita vez simulacros de victoria, e, como que remate e coroação das illusões de muitos que a cegueira obseca, a fatalidade das coisas que tem por vezes obstinações e caprichos como teve o anno passado, ao fazer do Porto uma cidade maldita, divorciando-a dos altos poderes do Estado, porque a elles coube o papel não de inventar a peste mas de evitar a propagação do que a sciencia reputava uma epidemia mortifera.

E' por este conjuncto de razões e outras que por brevidade omitimos, que a visita real ao Porto se tornava mais que necessaria: indispensavel. Passada a hora da dôr lancinante, do abalo que a peste produzia, da convulsão que resultára de tantos meios empregados para a debellar, marcado estava o momento para tirar a prova incontraversa, absoluta. Esse momento chegou, a demonstração fez-se, e os seus tradicionaes fóros de cidade honrada, séria, firme nas suas crenças, tendo os seus destinos indissoluvelmente ligados aos da monarchia, acaba o Porto de oriental-os, e impôl-os por uma fórma que faz honra aos seus habitantes engrandecendo-lhes o porte moral e dignificando-lhes o caracter civico.

No seu passado recente tem o Porto uma revolução abortada e uma eleição republicana com apparencias de triumpho. A observadores superficiaes estes factos proximos poderiam ser prenuncios de crises latentes, de uma convulsão local que por estas duas primeiras explosões se manifestára terrivel; e de premissas erradamente postas facilimo se torna tirar conclusões que apavorem os timoratos e amedrontem os que sigam idéas oppostas.

Vae o rei ao Porto, quatro dias honra com a sua presença a cidade invicta, sobre a qual recahiam tão falseadas suspeições, e nem uma voz perturbante se levanta d'entre as acclamações publicas a dar fé e signal d'esse pseudo partido de descontentes.

E' que os revolucionarios de hontem não resultaram senão de uma indisciplina de caserna, e os que ha pouco blasonavam de uma victoria eleitoral acabam de dar a prova manifesta de que não fóra um novo ideal que vingára, e, mais ainda, que se alguma coisa triumphou com effeito não foi um principio politico, mas uma ephemera especulação de momento.

Para quantos sinceramente professam a idéa monarchica, este é o resultado, que em excellencias a todos sobreleva, da viagem real ao Porto. Não podendo a imprensa adversa registar, uma que fôsse, qualquer nota discordante que viesse lançar nas festas da cidade uma impressão desagradavel, levou dias a arrastar a opinião impertinente de que não eram populares as acclamações, de que o povo era indifferente ás festas, e de que as saudações tinham sido monopolizadas pelo elemento official. Affirmação barata e facil, que prova a inaniidade da cri-

tica, a impotencia da argumentação, e o desnorreamento dos que annunciando projectos de rebellião, banquetes de resistencia, indignações impressas, se viram de subito derrotados em toda a linha, não tendo uma voz, uma palavra, um acto a revelar força ou de convicções, ou de partido, ou de organização. E o rei, acompanhado sempre dos conselheiros da corôa e d'aquelles que mais alto representam as forças vivas, sérias, conservadoras, da exemplar cidade, lá foi durante quatro dias alvo de manifestações sympathicas de toda a ordem, em que era impossivel destringar as que se dirigiam ás suas nobres qualidades pessoases ou á alta representação hierarchica da sua pessoa, e em que não menos difficil se tornava separar as que partiam do mundo official e as que sahiam da população em massa, tanto ellas se fundiam na mesma vehemencia, no mesmo enthusiasmo.

Pode o Porto contar comigo como eu conto com o Porto, disse o rei, em palavras que na memoria da cidade se haviam de fixar para sempre, porque eram a synthese de muitas idéas accumuladas, de muita esperança arraigada, de uma confiança sem limites, e que tem a dar-lhe encanto e nobresa um bello matiz de sinceridade.

Ao pronuncial-as convicto, ao espirito do rei accudiu por certo a recordação dos servicos que á monarchia, em tempos diversos e em diversas crises, prestaram sempre, intertemperamente, heroicamente, os valorosos filhos d'essa cidade que foi buscar á nobreza do trabalho e ao culto das virtudes civicas os pergaminhos da sua fidalguia. Viu de relance os destemidos soldados de seu bisavô baterem-se como leões nas linhas do Porto para regarem com o sangue das proprias veias a liberdade nascente. Viu o throno real, d'onde uua rainha, sua avô, déra exemplos de soberana e de mulher, soerguido e amparado pelos braços robustos dos filhos do Porto, que sabem avigorar no trabalho a força physica, ao passo que foram sempre buscar ao patriotismo sincero inspirações de grandeza moral e de inquebrantavel civismo. E ao mesmo tempo que enchia a memoria do rei esta recordação magnifica, que é todo um evangelho de fidelidade, elle, descendente de uma raça illustre, que tem presa a sua historia e os seus destinos aos destinos e á historia da patria, elle, filho de uma stirpe regia, que em actos de bravura, de coragem e de abnegação sellou com os filhos do Porto uma alliança de sangue, de dedicação e de affecto, elle, moço ainda, cheio de responsabilidades, cuja comprehensão é avolumada por uma intelligencia fina e uma educação esmerada, elle chefe de um pequeno Estado em que fervilhavam exactamente como nas grandes ambições desenfreadas e egoismos sóffregos, elle, dizendo deante dos homens de trabalho, deante dos melhores filhos do Porto, que contassem, com elle, não podia deixar de proferir estas ultimas palavras que são para elles todos um louvor justo e assignalado: «como eu conto com o Porto». Quer dizer: estão por tal forma identificadas a monarchia e a patria, que todas as perturbações ou amarguras que uma soffra serão pela outra soffridas, reflectir-se-hão n'uma todas as dôres que afflijam a outra, e o Porto, velho baluarte inexpugnavel, como se fosse o coração de ambas, sentirá por equal os males que uma e outra padecem, e ao serviço do rei e da patria porá como sempre a sua força, a sua honra, a sua energia, a sua abnegação.

A reciprocidade d'esta maxima confiança — eis o que estas palavras significam, eis o que se traduz das festas do Porto. E como anjo tutelar, guarda excelsa d'este pacto tão fortemente sellado, ergue-se a alta, a nobre, a gentil figura da rainha, que como nenhuma outra reflecte na magestade da realza o prestigio da mulher, e que com esse encanto feminino, essa divina graça, acaba de fundar no coração dos filhos do Porto um throno mais alto e mais bello para o seu coração de que o secular throno regio, onde sabe occupar nobremente o seu logar ao lado do rei de Portugal.

A MORTE D'UM JUSTO

UMA das paginas dolorosas de Semide, e de que a chronica conserva mais saudosa memoria, é a da morte do bispo D. Miguel da Anunciação (1).

No mez d'agosto de 1779 o bispo conde, quasi octogenario, deu começo a nova visita no seu bispado; terminando a digressão por uma visita canonica ao mosteiro de Semide, e presidencia á eleição de nova abbadessa.

Tendo restabelecido em Coimbra a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, e acompanhado d'um capellão, que ao mesmo tempo lhe servia de mestre de ceremonias, e de dois familiares, que constituíam toda a sua comitiva, partiu no sabbado 14 d'agosto para Sepins, parochia a tres leguas de Coimbra, afim de reconciliar a igreja que se achava interdicta. Como se verificasse que esta fóra sagrada, as cerimonias da reconciliação duraram até tarde, partindo o bispo a pernoitar em Casal de Comba. No dia seguinte, festa da Assumpção, disse missa e chrisinou uma quantidade enorme de gente. Aconselhavam-o a que voltasse a Coimbra; mas insistiu em levar ao fim a jornada. Foi d'aqui para a sua quinta de S. Martinho, onde se demorou até terca feira, 17, dia em que partiu para Semide.

Começou logo a inspecção que foi continuando até domingo, 22, e tornou a ministrar o chrisma a uma infinidade de pessoas que se tinham juntado vindas de todas as povoações de muitas leguas ao redor. Continuou visitando, pregando, admoestando, e no dia de S. Bartholomeu chrisinou perto de quinhentas pessoas, fazendo de tarde uma pratica, que durou duas horas, aos clerigos d'aquelles contornos, que para isso mandara convocar.



A recepção na estação de Villa Nova de Gaia

Não dera até então mostra alguma de canção, o que era para admirar num velho de tão avançada idade; mas na quarta feira, tendo-se demorado na igreja com os trabalhos da visita até as sete horas da tarde, começou de sentir arrepios de frio.

Os trabalhos d'uma visita eram morosos e enfadonhos. Não só se examinavam as contas da comunidade, como se verificava a existencia das alfaias, a integridade da bibliotheca, o bom acondicionamento do cartorio; depois inquiria-se monja por monja, acerca da vida intima do mosteiro; da ma-

neira como cada uma das officias exercia o seu officio; das transgressões que se tinham dado desde a maneira de se vestirem e adornarem até a fórma com que cumpriam os actos religiosos do culto.

Era um inquerito geral e particular de que resultavam es-



O Palacio das Carrancas no Porto

sas longas patentes, nas quaes as prohibições indirectamente indicavam os vicios e faltas que se tinham generalizado e que se procurava cohibir.

Imagine-se que tensão de espirito, que prodigios de paciencia não necessitava um visador para bem desempenhar a sua missão, quando como o bispo D. Miguel a exercia com verdadeiro zelo da causa de Deus. Ouvir as accusações d'umas, as continuas inquietações das observantes, examinar se as extravagancias das visionarias eram de origem divina se maleficio diabolico; deslindar as intrigas d'essas reclusas, em grande parte hystericas, enervadas pela clausura, apoucadas pelo horizonte restricto que as cercava; conhecer a verdade no meio do labyrintho complicado de depoimentos contradi-



Um grupo de senhoras

1. D. Guilhermina Pereira Meschado.—2. D. Maria Rita Telles de Vasconcellos
3. D. Paulina Moser.—4. D. Anna Guedes da Costa

(1) Os apontamentos que constituem este capitulo são tirados d'um caderno manuscrito intitulado *Relação da preciosa morte do Sr. bispo-conde Dom Miguel da Anunciação, e d'alguns successos que a seguiram*. Tem todos os indicios de ter sido escripto logo após o fallecimento d'aquelle prelado e por pessoa que assistiu aos factos narrados, ou d'elles teve conhecimento immediato.

ctorios, a fim de poder elogiar ou reprehender, estabelecer a paz e concordia por meio de actos de tino, mais efficazes do que as excommunhões terríveis, de que raras faziam caso.

A visita da Família Real ao Porto



Uma rua no Porto, ornamentada



El-Rei em landau, dando a direita a S. M. a Rainha.
Na frente o sr. conselheiro Hinzte Ribeiro, Presidente do Conselho



O sr. conselheiro Campos Henriques, Ministro da Justiça, no carruagem,
dando a direita a uma dama de S. M. a Rainha.
Na frente o sr. conselheiro Pereira dos Santos, Ministro das Obras Publicas
e o camarista de El-Rei



O Bispo do Porto lançando a bênção á primeira pedra
da nova Estação Central do Porto



O mundo official esperando os soberanos, no Porto.
Fardado, á esquerda
o Presidente do Municipio, conselheiro Wenceslau de Lima



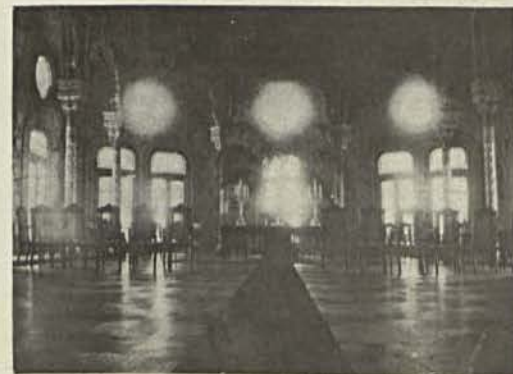
Aspectos do Porto — Em Lisboa



A estatu do Infante D. Henrique, no momento da inauguração



O Bispo do Porto na estação de S. Bento
antes de lançar a bênção



Sala do Palacio da Bolsa, onde foi assignado o auto da inauguração da Estatu.

O bom velhinho devia estar fatigado d'alma e de corpo. Não se passam impunemente longas horas atribuladas sentado á grade d'um coro, numa egreja fresca e desabrigada, atravessada por insidiosas correntes d'ar.

Quando á noite terminou o inquerito já sentiu arrepellos de frio. Ainda teve força para assistir á oração dos seus familiares, e de ler o ponto, mas já o fez com a voz tomada e um grande esforço, pela fraqueza em que se achava. Recolheu-se ao seu quarto ardendo em febre, que nunca mais foi possível debellar. Diagnosticaram os medicos um catharral, e logo lhe applicaram duas sangrias no braço direito, causticos nas pernas e nas costas, emfim toda a especie de remedios energicos, repugnantes e dolorosos, que eram então de uso, e a que o finado medico Dr. Brillhante chamava: medicina pharisaica.

Mas as melhoras não vieram e todos perderam a esperanza de que o prelado se curasse.

Constou logo d'alli fóra a doença, e os sinos de todas as egrejas e da maioria das casas regulares de Coimbra começaram a dobrar a preces pelas melhoras do prelado. Nas cellas de Semide succediam-se as promessas; na egreja as ladainhas, e nos claustros as procições de penitencia. De toda a parte começou a affluir gente, interessada nas melhoras do enfermo, e de Coimbra correram os amigos do bispo, os conegos da Sé e os de Santa Cruz, emfim todos quantos por dever d'officio ou devoção d'amizade desejavam ainda uma vez na vida receber a benção do moribundo.

Como a therapeutica medica, apesar de energica violenta, não determinasse melhoria, forçoso foi ceder aos desejos do doente e recorrer a remedios que teem a sua efficacia na fé. Levaram-lhe o manto de Nossa Senhora da Piedade, que se venera n'uma capella alli vizinha e elle com devoto affecto o beijou e collocou na cabeça e sobre os hombros; mas quando lhe quizeram dar a beber agua em que fóra delida terra da sepultura de soror Maria Joanna, freira do Lourical, uma visionaria que morrera com fama de santa, afastou a beberagem dizendo: «Tirae lá; não queremos que nos critiquem!». E assim dava uma lição contra as superstições que ferviam á beira do seu leito.

Conservando o seu perfeito juizo, e vendo entrar um parochio, que ha muito lhe fóra accusado de estar quasi sempre ausente da sua parochia, com modo severo lhe disse: «que se fosse já para a sua egreja, que não era sua vontade, nem podia consentir que d'ella estivesse ausente sem necessidade».

Desejava que conversassem com elle, e quando a familia se retirava a descansar, mandava chamar o padre José de Sousa, feitor do convento, e dizia-lhe com aquelle ar gracioso, que foi a dominante do seu character: «Nós morremos neste deserto; e então havemos de morrer como o carrapato na lâ? Vamos dizendo alguma cousa».

Quando o ungriram ia repetindo as respostas do ritual e indicando as faltas que a perturbação fazia praticar ao administrante. Quiz este ungi-lo nas palmas das mãos, e elle logo retorquiu, que devia faze-lo ás costas, porque aquellas tinham já sido sagradas. Despediu-se, pediu perdão a todos, e para evitar futuras contendas indicou, deante de testemunhas, que queria ser enterrado em Santa Cruz de Coimbra, defronte do altar da Conceição.

A febre continuava, e um momento houve em que transviou. Acabavam de soar nove horas da noite quando apressado e afflicto chamou pelo mestre de ceremonias e lhe disse que fizesse calar «aquelle estrondo horroroso que tanto o inquietava e lhe não permitia um momento de descanso.» Saiu o famulo do quarto e achou tudo sosegado. Segunda vez o chama o doente para lhe repetir o pedido; indicando que onde ouvia o maior ruido era aos pés da cama. Pensou o capellão que isto fosse delirio da febre; mas confessou que não, por ter ouvido ao bispo juntar estas palavras: «Lembra-me que quando por negociações dos castelhanos foi preso o infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João o 4.º, na prisão em que o metteram não perdoaram a nenhum genero de martyrio para o terem afflicto e desasocegado, fazendo que ao pé d'elle até se tocassem tambores, pifanos e outros instrumentos



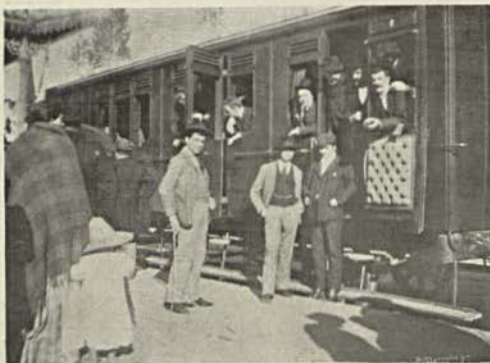
Na estação de Campolide

bellicos, para que não tivesse nem uma hora de descanso. Pois olhae, nos mesmos termos nos achamos nós agora».



Na estação do Pombal

O capellão pensou que os ruidos fossem obra do diabo, e indo chamar o mestre de ceremonias ambos aspergiram o quarto com agua benta, e o doente socego alguma cousa.



Na estação de Aveiro



Em Leça da Palmeira — Esperando a passagem do soberano

No dia seguinte entrou em agonia, e com suavíssima tranqüilidade foi acompanhando no officio de bem morrer os que á sua beira o rezavam suffocados em lagrimas. O pri-



A' entrada de Mattosinhos — Varinas com cestos de flores

meiro sentido que lhe faltou foi a fala; mas ainda assim movia os beijos como quem pronuncia as palavras que o recommendavam junto de Deus. Deitado, com a vela na mão,



Em Mattosinhos — Povo esperando a passagem dos soberanos

cerca de sacerdotes, todos com os seu brandões accesos, eis que se desencadeia um tufão que abre de par em par a janella do quarto e extingue rapidamente todas as luzes, menos aquella que ardia na vela que o moribundo sustentava.

Pouco depois, á hora e meia da tarde, dava o prelado conimbricense o ultimo suspiro, aos setenta e seis annos, seis mezes e alguns dias de idade, e mais de quarenta de episcopado, tendo fitos na imagem de Christo crucificado os olhos que pouco a pouco se foram cerrando até que de todo se fecharam.

O que então succedeu foi verdadeiramente extraordinário. O povo que se ia agglomerando no pateo do convento queria ver o morto, cuja physionomia conservava as apparencias e a serenidade de quando vivo fôra. Pícaram-o no pé e no braço, para ensoparem lenços no sangue que corria a fio e que eram solicitados como reliquias preciosissimas. Um dos seus roquetes foi cortado em mil bocadinhos para satisfazer os pedidos; tudo quanto fôra do seu uso foi convertido em reliquias, e para nada poupar, o fanatismo até guardou os residuos da barba que se lhe rapou depois de morto!

Faltava ainda mais.

O mestre de ceremonias veiu correndo ao cadaver, descobriu-o, levantando-lhe a roupa de sobre o braço que tinha sido sangrado, e comprimindo este, como fazem os sangradores, salu copia de sangue puro com tanto impeto, que dando na roupa retrocedeu e se derramou por diferentes partes, e a não ter deante o obstaculo que dissemos, sem duvida saltaria á parede. E até a hora em que os medicos começaram o embalsamamento, o povo continuou a molhar os lenços no sangue, e a tocar-lhe o corpo com bentinhos e contas.

Conduzido o caixão para a egreja ahi lhe celebraram os officios, e depois foi o cadaver levado junto da grade do côro, para que as religiosas o vissem e nelle tocassem os objectos que desejavam converter em reliquias.

Pelas cinco horas da tarde d'um dia quente, pesado e presagiando tempestade, partiu o prestito para Santa Cruz. De todos os semedeiros e caminhos da serra surdiam grandes magotes de povo, que se juntava ao acompanhamento, e lhe faziam retardar a marcha, de fórma que ainda não eram bem chegados a Coimbra quando se desencadeou a tempestade imminente. Eram tantos os trovões, por tal fórma fuzilavam os relampagos, os raios rasgavam a negrura das nuvens e a chuva caia em bategas tão fortes, que os espiritos se sentiam tomados d'um invencivel terror supersticioso, e muita gente caiu afflicta e com os sentidos perdidos. A isto juntava-se o som lugubre de todos os sinos dobrando a finados, a psalmodia triste dos padres e o claro vermelho dos archotes dando á scena um caracter tão lugubre como atterrador. A's dez horas da noute o prestito entrou na cidade, custando-lhe a abrir caminho por entre a massa compacta de povo que se apinhava na velha rua da Calçada. Na frente rompia uma multidão de moços com archotes, seguiam-se a duas e duas a cavallo as pessoas que vieram de Semide com brandões accesos; era longa, interminavel quasi, esta procissão, e por fim o ataudé sobre umas andas, atrás d'elles os familiares, e no couce do prestito um pequeno numero de carruagens. E quando o cadaver passava cessava o murmuro ruidoso da multidão, e reinava um silencio sepulchral!

Em Santa Cruz era o prestito esperado pelos cônegos regantes em communidade, e tres d'estes com tres conegos da Sé transportaram o ataudé para o catafalco. Queria o povo entrar na egreja, mas como a isso obstassem as guardas e já comessemos os animos a exaltarem-se, as justicas da terra mandaram afastar aquellas e a multidão invadiu a nave, e não se precipitou no cruzeiro, porque os conegos, temendo algum pio desacato, tinham fechado os cancelões; sem esta previdencia, diz o redactor dos apontamentos, «sem duvida saltariam no sagrado cadaver e o retalhariam».

Ao responso seguiu-se a communidade a beijar a mão



A' porta da camara municipal do Porto
Esperando S. M. a Rainha para a cerimonia da inauguração das commissões
da Assistencia Nacional contra a Tuberculose

ao defuncto, que como até alli continuou a estar flexivel, bem como todos os outros membros, «e ao mesmo tempo cheias e grossas as veias que bem indicavam circular ainda sangue por ellas».

A multidão de pessoas qualificadas afluia constantemente a beijar o cadaver, levando ao contacto d'este rosarios, lenços, escapularios e até frascos d'agua; e como na tarde de terça-feira o povo clamasse pelo deixarem chegar perto, os cruzios mandaram abrir as grades; mas tendo a multidão começado a descompor o cadaver «não se contentando sómente com beijarem-lhe a mão, mas chegando a esfolar-lh'a» os padres apressaram o encerro, e no dia seguinte, pelas onze horas da manhã baixaram o caixão á sepultura, no lugar indicado.

«Eis aqui, diz o manuscrito, uma verdadeira e fiel narração da morte do Sr. bispo conde e dos successos que a seguiram, cuja eminente santidade vae Deus Nosso Senhor mostrando por meio do conceito que d'ella geralmente se fórma, e dos muitos prodigios de curas de doencas perigosas, e de outros que se tem



Um idyllio durante a festa — Enquanto os patrões não voltam

experimentado, acompanhados de taes circumstancias que dão indicios de não serem casos naturaes; os quaes se espera que depois de authenticados sairão a publico, para consolação de todo este bispado e reino, na grande magua e saudade que lhe tem causado e ha de causar a falta d'este digno e exemplar prelado.»

(Do livro *As monjas de Semde*.)

LINO D'ASSUMPÇÃO.

A Nossa Vida

(*Passagem do futuro*)

Dia com tanto sol que, de o ver, rio,
Saio de casa e vou por um caminho,
Um tunnel verde, paralelo ao rio,



Durante o trajecto de Campanhã para o Paço

Com manchas brancas onde córa o linho.
Braços batendo a roupa, ao ir no ar,
Fazem lembrar as vélas de um moinho

Moendo n'uma noite de luar.
E faiscas de luz, pelo riacho
Que corre lentamente, vem lembrar

Que as estrellas ficassem cá por baixo
A' força de se olharem na corrente.
Um dos teus lenços vae por ella abaixo,

Aberto, ao lume d'agua, lentamente
Como uma pomba branca a fluctuar.
Uma voz nova canta. Alegrement

Roupas batem nas pedras de lavar
E quando passa, vagaroso, o lenço,
Parecem fortalezas a salvar.

E, vendo-o ir pela agua abaixo, penso
Que elle é tal qual a vida do futuro
Que organisi desde que te pertenco.

Vejo correr o nosso viver puro:
Muito amor, muita luz, canções em côro,
—Roçando estrellas que hoje em vão procuro,

Servindo sempre p'ra enxugar o choro.

SILVIO REBELLO.



O almoço em Leixões

tações estheticas, ou a moral especulativa, alcança-o directamente e para o inteiro organismo social essa avançada poderosissima, que opéra a um tempo sobre todas as faculdades do espirito humano.



A galeota real

A CARIDADE

E ainda mesmo que eu distribua todos os meus bens para sustento dos pobres, e entregue o meu proprio corpo para ser queimado, faltando-me a caridade, tudo isto de nada me aproveita.

S. PAULO, I COR., XIII, 3.

SUBJUGA o espirito humano uma tendencia irresistivel para a generalisação e unidade. Nem ainda os que intentam mais systematicamente proserver e afastar de si toda e qualquer concepção metaphisica conseguem levar de venciada a influencia de uma aspiração que constitui, em que lhes pesa, principio inherente e essencial á ranko do homem.

E assim que na esphera do sentimento já essa aspiração se evidencia criando o patrio ideal por onde pôde aferrir-se, e a cujo toque se aquilata, os meritos e primores das creações artisticas do ingenho humano.

No vasto campo dos conhecimentos e da sciencia impõe-se, por igual, a concepção generalisadora que abraça, domine e explique os factos parciais, traduzindo-se na elaboração dos successivos systemas de philosophia, synthese suprema com que se procura abarcar em um momento dado o inteiro saber.

No dominio da vontade, finalmente, a subordinação dos actos individuaes a um principio superior brota tambem com tamanha espontaneidade, emerge com impeto tão valente dos mais fundos recessos da consciencia, que a não ser essa subordinação inherente ao nosso organismo, de todo se tornaria impossivel, na phrase de Lange, o profundo pensador moderno, tentar sequer uma explicação para a origem da moral.

Factores sociaes de almoco similhante mal podem desconhecer-se. Para negar elementos de força com tão pronunciado cunho de realidade seria mister rascar primeiro, e esquecer logo após, as melhores paginas da historia da civilisação. Na sua acção indisputavel, nos seus effeitos para todos patentes, vêem uma bem deduzida justificação da sua maneira de sentir e de pensar os que prestintamente affirmam, que na ardente aspiração para uma ideal concubstantiando a plenitude da bondade, a intezesa da verdade e o supremo grau da formosura, consiste o que ha de mais alevantado no individuo e na sociedade, e se encontra o preservativo unico susceptivel de ter mão em um embratecimento e corrupção alheia inevitaveis.

Essa aspiração, porém, é um dos fundamentos natural, humano, inconstante da idéa religiosa, que na unio com Deus satisfaz a faculdade do sentimento, na metaphisica que d'ella é inseparavel envolve a esphera toda do pensamento, e pela moral a que dá origem e para a qual estabelece uma sancção, regula e domina todas as manifestações da vontade. O que só em parte, e para numero limitado de homens, conseguem as concepções philosophicas, as manifes-



A guarda de honra, em Leixões

Como elemento primordial indispensavel para manter um sopro vivificante, fora de cuja acção a sociedade se desagrega e dissolve, a religião, sem invadir aliás attribuições de outro poder, circumscrevendo-se á sua legitima esphera, pôde e deve purificar e enobrecer, espiritualizando-o, o enorme e variadissimo complexo dos factos e das relações so-



O regresso a Lisboa — Na ponte do arsenal.
Vê-se á frente o cndde de Restello — presidente da camara municipal

Todas as photographias d'estas gravuras da viagem real ao Porto são do sr. Manuel Soares da Silveira.

No n.º 44 damos o retrato de todos os funcionarios e altas personalidades do Porto, agradecidos por S. M. El-Rei, por occasião da sua viagem áquella cidade.



Cascaes — A prata pela manhã

ciase. A família, a escola, a economia publica, a sciencia, a arte, o estado só têm a lucrar, recebendo a consagração, accitando o legitimo influxo, repassando-se do espirito, e santificando-se pela doutrina da religião. Imposta não por meios coercivos mas livremente accita, manida com as armas da persuasão, accrescentada pela virtude do exemplo, por uma acção, enfim, toda espiritual e interna.

E é sob este aspecto que a moderna sociologia a encara e profunda, lhe assigna scientificamente a verdade indilputavel e lhe reconhece a legitimidade de acção. N'ella está o factor indirecto e insubstituível que tem de cooperar na solução d'esse problema instante, que se impõe a quantos estudam e reflectem, a quantos lidam na reorganisação politica e economica do corpo social, pulverizado pela acção dissolvente de um individualismo mesquinho, deprimido pelo materialismo o mais grosseiro, aducado de uma falsa philosophia positiva, que exclue do seu campo de analyse precisamente aquellos factos que mais se impõem, e acerca de cuja existencia e acção menos possível pareceria a dúvida.

Não deve, porém, inferir-se de quanto precede que seja dado á Igreja, como representante legitima do principio religioso, manifestar parcialmente por qualquer das fórmulas transitorias que o governo das sociedades pôde affectar em um determinado momento historico. Talvez ainda menos lhe cumpria alistar-se nas fileiras dos que propugnam por uma transformação integral, ou sustenter os que defendem uma phase qualquer da organisação economica. Outra, bem mais alta, deve ser a sua missão; consiste ella, como dissemos, em insuflar de novo o fogo sagrado do espiritalismo no exercicio de todas as variadissimas funções sociais, em subordinar a esse principio rector as manifestações complexas

E, portanto, apontando em tudo e sempre para a perfeição divina, tendo constantemente em mira um ideal supremo, que a religião, em antes a Igreja que a consubstancia, pôde, pela acção directa exercida sobre os animos, influenciar por forma altamente benéfica a livre acção de todas as instituições sociais e o seu successivo e indefinido aperfeiçoamento.

E' assim que ella consegue submeter amittadas vezes, sem obrigação de lei, os corações, que nem leis e ameaças se abarbariam de levar para o bem, e transformar-os, no dizer do Padre Antonio Vieira, de logares de abominação e de torpeza em logares de pureza e de santidade, accrescentando a estas palavras o eloquente jesuita e como supremo argumento comprovativo da sua these:

«Dar a Deus o coração o que é, porém, sermo a caridade, isto é o amor ardente pelo Sr. Divino, e sobre essa base amplissima, o de todos os homens entre si? E o que não vale como vinculo social a caridade, se não para vencer os abyssos insondaveis da miséria e do mal, como balizão moral e allivio efficaz para os soffrimentos profundos que torturam a humanidade?»

Pouco pôde a escola, em verdade, pelo que significa materialmente. Mas a escola não é a caridade. Em um livro que ha de constituir sempre uma das glorias do espirito humano, a leitura predilecta das almas accessiveis á comprehensão de quanto tem de dramatico as grandes lutas da vontade e o triumpho final d'esta sobre os paixões, nas suas *Confissões*, assemelha Santo Agostinho as obras de misericórdia aos fructos da terra. Affirma, porém, o bispo de Hyppona que não é o donativo em si que merece ser comparado ao fructo, mas sim o espirito com que é oferecido, e rompendo no mais eloquente comentario á narração em que o apóstolo das gentes mostra, na sua epistola aos Philippenses, o muito que se alegrava no Senhor com as dádivas que por duas vezes estes lhe haviam enviado para Thessalonica, accrescenta, citando o segredo texto:



Cascaes — A prata na occasião dos banhos

«Não é, disse S. Paulo, porque experimente necessidades que assim fallo; eu tenho aprendido a contentar-me com o que posso.

«Sei estar humilhado, e sei tambem viver na fartura; de todos os modos estou afeito a tudo; a estar saciado e a ter fome; a estar na abundancia e na pobreza. Tudo posso n'aquelle que me conforta».

«'Onde vem pôde», assim exclama Santo Agostinho, «que vos alegras, ó grande Paulo? o que pode dar-vos contentamento? o que é que vos alimentou homem -renovado pelo conhecimento de Deus segundo a imagem d'aquelle que vos creou», «espirito animado de uma tamanha virtude, lingua alada que exprime os mysterios?»



Cascaes ao pôr do sol

«Para almas taes, só um alimento igual pôde ser ministrado.
«O que é isto que vos alimenta? E a alegria. Attentemos no que se segue.
«Contudo, diz S. Paulo, fizestes bem tomando parte na minha tribulação.
«O que o rejubila, o que o alimenta é ter recebido d'elles um beneficio, e não o haver com esse beneficio alliviado a sua miséria; o que o alega o be-

¹ S. João, xv, 32.

² Prov., xi.

³ Col., iii, 10.



Cascaes de manhã

da actividade humana, quer politica ou economica, quer scientificas ou technicas.

E não será absorvendo o Estado na Igreja, ou dissolvendo esta nos membros e diversos elementos componentes da sociedade civil; nem tão pouco lavrando um sulco profundo que estabeleça a divisória entre ambas, e arvorando uma indifferença fatal como norma da sua reciproca coexistencia, que se resolverá o problema debatido no decurso dos seculos XVIII e XIX. Os primeiros raios d'essa nova alvorada da humanidade, que deve encher de fulgores o seculo XX, tremulam já no horizonte; justificam elles a esperanza de ver finalmente restituída ao mundo a paz religiosa, restabelecendo-se a harmonia entre a Igreja e o Estado, assegurada a justa e reciproca influencia entre esses dois potentes organismos, e realçada a sua independencia no exercicio das funções especificas de cada um.

Discorrendo acerca do sentimento religioso, fomos levados insensivelmente a fallar da Igreja. Foi o preito involuntario prestado á logica das idéas. Com effeito, suppré possível a manutenção do primeiro, fóra da existencia e da disciplina da segunda. É desconhecido que entre todas as forças syntheticas do espirito humano, nenhuma tende com maior energia para a unidade, se impregna tanto do sentimento colectivo, e constitua um laço social mais inquebrantavel do que a pura aspiração religiosa.

nhor é vel-o mais uma vez exercendo as obras de misericórdia, que haviam descurado, revestindo-se de nova florescência com um campo fértil se reveste de virtude. Será por causa de suas necessidades, por quanto diz: — "Porque uma e também duas vezes me enviastes o que me era necessário? Será por isto que elle se algra? De modo algum. E de onde o inferimos? Do que accrescenta logo em seguida.

"Não, porque não busquei, vossas dadas, mas um fructo que abunde em vossa conta."

E repassado o animo de passmo pela perfeição da doutrina apostolica, Santo Agostinho exclama:

"Aprendi de vós, ó meu Deus, a distinguir a dadiva do fructo. A dadiva é o proprio objecto entregue por quem distribui as cousas necessarias, o dinheiro, o alimento, a bebida, o vestuario, o abrigo, a escola emfim; o fructo, pelo contrario, é a vontade boa e recta de quem dá."

Espiritualisar assim a esmola; penetrar-a do sentimento christão, urgindo-a com o balizmo religioso; erguel-a do nivel rebaixado de mesquinhas convenções sociais, a que a fez decer a mais gelida philantropia, revestindo-a da graça que santificas e profumando-a com o aroma subtil da modestia e da virtude; levanta-la finalmente até ao throno de Deus, assim desprendida do bafo arriente do amor divino do solo das nossas fraquezas e miserias mortaes, como do charro la-dacento se evapora ao calor do sol a agua condensada pouco depois na gotta de orvalho pura e crystallina, é tarefa mais do que nunca opportuna.

Mais do que nunca importa hoje que no coração de todos se grave a sentença seguinte do Ecclesiastes:

"Filho não defraudas nem tiro ao pobre a esmola; não vires os olhos para outra parte pelo não veres; não o escandalises, nem lhe regateses a esmola."

"Não vires os olhos para outra parte pelo não veres; não o escandalises, exprime estas verdadeiramente inspiradas, que envolvem a comprehensão plena da christão distinguindo a esmola do fructo, e que em parte reaparecem no livro de Tobias, onde se lê:

"Dá esmola e alcançarás o perdão de teus peccados.

"Faze esmola da tua fazenda, e não vires o rosto ao pobre e Deus não apartará o seu de ti para te fazer misericordias.

"Ten pião e tua comida parte-os com os pobres, e com tuas roupas e vestidos cobre a carne dos que estão nus."

¹ S. Paulo, Filip. iv, 10 a 18.

² Eccl. iv, 1, 2.

³ Tobias, iv, 7, 8 e seg.

Admiravel linguagem esta da Escripura, que atinge assim sem esforço nem artificio o ultimo grau do sublime, e consegue gravar na alma em caracteres indoleveis os preceitos que formula, por pouco que esta queira, desprezando-se de terrestres preoccupações, fôr, sequer por momentos, a grandeza do mundo moral.

"Excede o teu pão em o seio do pobre," palavras são estas tambem do Ecclesiastes. E onde e quando a não ser pela propria bocca de Christo, se formulou o preceito do recato na dadiva por fórmas mais concitiosas? Não exalta aquella phrase um inimitavel perfume de modestia, não recende um aroma de poesia sem parelho com o dizer das letras humanas? Não se entrevê allí o premio celestial como fructo abençoado da semente da caridade cautelosamente occulta no seio do desvalido?

"Chama os pobres," assim se lê em Isaias, "os fracos, cegos e cegos, e serás bemaventurado; que se bem não tem elles com que te pagar, quando os justos forem remunerados e apremiados se te pagará tuos."

"Parte teu pão com o faminto, e recolhe em tua casa o necessitado e o peregrino. Quando vires o pobre despedido dá-lhe com que se cultre, e não desprezes a quem é da tua carne e sangue."

E qual será no dizer do propheta, divinamente inspirado, a recompensa do que assim proceda? Ouzamulo, o possuido do unis profundo espanto. Falla Jehovah por sua bocca:

"Invoca-me então e te ouvirei; chama-me e te responderé: «Eis-me aqui» «Eis-me aqui», dillo o Senhor, e é a caridade que me dá direito a invocalo e a ser ouvido, a chama-lo e a vel-o correspondor ao meu chamamento. Oh poder maravilhoso e abençoado da esmola, que basta para aproximar a creatura do creador, e com essa esperança confortas e alentas o animo ainda o mais deprimido! Oh força celestial que sebas por inspirar nos eleitos da graça divina o impulso irresistivel para obediencia ao contello d'Aquelle, que vindo completar a lei e não destruí-la, pôde definir assim a extrema perfeição:

"E se queres ser perfeito, vem, vende o que tens e o dá aos pobres, e terás um thesouro guardado no Céu."

Liubbo, em Setzafra maior.

3 de fevereiro de 1885.

HENRIQUE DE BARROS GOMES.



Um Monumento na Bulgaria

Projecto d'um artista portuguez

Queiroz Ribeiro, o artista que tão discutido tem sido, com imparcialidade por uns e com paizão, á mistura de varia injustiça por muitos, — acaba de chegar a Paris, após cinco mezes, passados nos ateliêrs da Escola de Bellas Artes de Sophia, onde completou a *maquette* da estatua ao grande Czar Alexandre II da Russia, — monumento grandioso elevado pelo bulgaros agradecidos, no meio da praça do parlamento da Bulgaria, ao centro da capital do oriental principado.

O monumento tem merecido o unanime applauso da critica de Sophia. Poetas que Popoff dedicaram versos entusiasticos ao artista portuguez, — a quem até foi cederido o logar de professor de Bellas Artes na Escola da capital da Bulgaria. Durante todo o mez de setembro Queiroz Ribeiro foi o heroe do dia, nas folhas bulgaras!

No alto do pedestal, vemos o vulto magestoso d'Alexandre II que o Anjo da Victoria coroa d'uma aureola. Na base, o grupo de soldados russos e bulgaros que marcham alegremente ao combate é um trabalho superior, tanto pela concepção como pelo bem acabado. No plano deve produzir um melhor effeito ainda!

Ao concurso do monumento vieram a Sophia artistas de todas as partes do mundo, desde a America até á Syria; entre os francezes devemos destacar Mercier, o grande escultor, antigo *peça de Rome*; de Portugal apenas correu o nosso amigo Queiroz Ribeiro. Mas na seção de Bellas Artes de Sophia vemos *maquettes* d'artistas russos, francezes, bulgaros, gregos, Italianos, holandeses, belgas, hollandezes, etc. Não nos coga porém o patriotismo: o trabalho do nosso compatriota foi o mais applaudido pela imprensa, saudado com versos de rutilantes tropas, á moda oriental.

E esta Revista, a primeira publicação illustrada portugueza que dá o monumento de Alexandre II de Queiroz Ribeiro. As illustrações bulgaras já o publicaram com grandes elogios. O principe Fernando, tio do soberano de Portugal, foi quem emprestou ao artista portuguez o cavallo *Sulino* que serviu de modelo para o bello animal de bronze em que monta o Czar. Este emprestimo real, verdadeira distincção de que não gozaram os outros artistas que concorreram ao trabalho official bulgaro, encheu de entusiasmo o nosso compatriota e deu-lhe grande importancia mesmo no meio artistico. O principe reinou até lhe empresta o seu cavallo favorito! — exclamavam boquiabertos os outros artistas estrangeiros que trabalhavam em diversos ateliêrs de Sofia, na obra do monumento consagrado á independencia bulgara.

Depois de ter sido o predilecto artista de Ménélik, do Negus da Abyssinia, quando fez o soberbo medalhão do chefe supremo dos abexins, Queiroz Ribeiro, sempre preocupado pelo desoculto, transforma-se agora no artista favorito da corte da Bulgaria!

Só o que elle não pode conquistar é a *baixa*, a nossa *baixa*, os criticos do monumento a Sousa Martins. Esses é que são os implacaveis, os intrasigentes, os que nunca desarmam — como os boxeres...

Paris, outubro 1900.

XAVIER DE CARVALHO.



A escravatura

A ESCRAVATURA foi uma especie de instituição social, admitida por todos os povos da antiguidade, sem excepção d'aquelles mesmos que mais resplandeceram nos fastos da historia, pelos seus progressos scientificos e moraes. A philosophia legitimava, em outras eras, o que hoje formalmente condemna como crime de lesa-humanidade.

Os prisioneiros de guerra, empolgados no campo da batalha eram reduzidos á escravidão, em virtude do direito de vida e de morte que sobre elles tinha o vencedor.

Os auctores de crimes de sangue eram igualmente escravizados pelos parentes da victima, que podiam exercer sobre elles as mais cruéis sevicias, como vindicta da affronta feita á familia da victima.

O devedor insolvente soffria tambem o jugo da escravidão, afim de indemnisar o credor pela importancia do seu credito, etc.

A evolução do espirito humano transformou as ideias, os sentimentos e os costumes dos povos. A sorte dos escravos foi successivamente melhorando, até ser abolida por completo a condição servil, e o direito de liberdade encontra-se hoje transcripto em todos os codigos das nações cultas, como originario e inalienavel.

Como era natural, as raças inferiores da Africa, estiveram mais tempo sujeitas ao regimen da escravidão, mas as leis portuguezas foram limitando a pouco e pouco a área d'este regimen, que foi totalmente abolido por decreto de 21 de fevereiro de 1869, passando os escravos á condição de libertos com obrigação de prestar serviço á seus senhores até 29 d'abril de 1878.

É, porém, certo, que os traficantes de carne humana postergaram algumas vezes essas leis humanitarias, de alto valor social e politico, continuando furtivamente o seu negocio com o emprego de estratagemas, que escapavam á vigilancia das autoridades, mas hoje pode considerar-se extinto o trafico nas possessões portuguezas da Africa, e tanto assim, que os tribunaes de presas e as commissões mixtas destinadas a julgar da legalidade da detenção de navios que n'elle se empregavam deixaram ha muito de existir.

Como, porém, o espirito humano é fecundo em contradicções, e os factos são muitas vezes interpretados á luz d'um falso criterio, ou ao sabor das conveniencias, por isso ainda, de quando em quando, se ergue uma voz dissonante para accusar as autoridades portuguezas de consentirem na escravidão dos pretos, ou de tolerarem actos de oppressão e crueldade.

Pode ser que na extensa e emaranhada costa de Moçambique alguns audaciosos aventureiros arabes tenham escapado á vigilancia da autoridade portugueza, como pode ter acontecido nas proprias colonias britannicas. Os casos esporadicos, se os ha, não podem servir de fundamento a um libello accusatorio.

Na Africa occidental está o trafico completamente extinto, nem ali se caçam pretos no sertão para os privar da sua liberdade, reduzindo-os á condição servil.

A força coerciva da autoridade portugueza não pôde estender-se até aos sertões secretos do continente africano, a enorme distancia do littoral, nem ha meio eficaz e espedito de impedir as guerras entre as tribus gentilicas e de transformar promptamente os costumes de povos selvagens.

Os potentados dos sertões d'África não teem a noção philosophica do direito natural e das gentes, e os soccorros da Cruz Vermelha não podem penetrar em seus campos de batalha. A carnificina exalta os creditos da tribu vencedora, e os prisioneiros de guerra que escapam na refrega á sanha feroz de seus inimigos, seriam barbaramente trucidados em holocausto aos manes dos adversarios que succumbiram na lucta, ou submettidos ao jugo d'uma cruel escravidão, se acaso não fossem libertados pelo resgate.

Permittem as leis portuguezas, que os pretos votados ao extermínio ou ao captivo pela iniquidade do vencedor, possam ser resgatados no sertão por contractadores munidos da competente licença. Estes contractadores, cuja idoneidade é previamente attestada pelas autoridades locais e reconhecida pelo conselho do governo, logo que chegam ao littoral, com os pretos resgatados trespassam os serviços d'estes, por um prazo relativamente curto, a quem precisar d'elles para os trabalhos agricolas, industriaes ou domesticos.

Os pretos assim contractados denominaram-se serviciaes.

A maior parte d'elles são transportados da provincia d'Angola para o serviço das roças de S. Thomé e Príncipe.

Logo que os pretos se obrigam por contracto a servir os patrões durante certo tempo, ficam immediatamente sob a tutela e protecção da autoridade publica representada pelos curadores geraes dos serviciaes e colonos e seus delegados.

Os regulamentos determinam o tempo de serviço, salario, alimentação, alojamento, vestuario etc., impondo aos patrões a obrigação de repatriar os serviciaes, logo que esteja findo o prazo do contracto; mas são raros os serviciaes que exigem a repatriação, preferindo quasi todos contractar-se de novo com os mesmos, ou outros patrões.

A tutela dos curadores é assidua e vigilante, attendendo elles geralmente com mais sollicitude ás reclamações dos serviciaes do que ás conveniencias dos patrões.

Das deliberações dos curadores admittre-se recurso para o respectivo conselho do governo.

As cautelas preventivas e as diligencias empregadas para salvaguardar a liberdade dos pretos satisfazem plenamente ao fim da lei.

Os patrões são em geral complacentes e benevolos para com os serviciaes, mas a indolencia e brutalidade d'estes demandam algumas vezes o necessario correctivo.

Os regulamentos authorisam a applicação de castigos moderados, para manter a disciplina e obrigar os ociosos ao cumprimento dos seus deveres. O pae de familia tambem tem o direito de castigar os filhos e reprimir-lhes os abusos; e, se por ventura algumas vezes acontece serem os serviciaes maltratados pelos patrões com castigos severos e talvez barbaros, outro tanto succede nos centros civilizados da Europa, onde o mau humor d'alguns annos irasciveis se desencadeia em actos de violencia e em ultrages contra as creadas. — De alguns casos esporadicos de maus tratos não se pode concluir, que o serviço em Africa seja escravo do patrão, ou viva em circumstancias deploraveis.

Entretanto, o governo portuguez tem sido algumas vezes, falsamente accusado pela imprensa estrangeira de consentir no trafico de escravatura ou de ser menos vigilante na sua repressão, ao passo que nas colonias estrangeiras ha, sem duvida, menos escrupulos, do que nas possessões portuguezas da Africa. Veja-se o que diz o jornal parisiense *Le Matin* em o n.º 6046 de 14 de setembro do corrente anno, sob o titulo — *A escravatura nas colonias francezas*, transcrevendo a seguinte noticia do *Figaro*: — Engana-se quem pensa, que não ha já commercio de escravos, trafico de pau d'ebano, e que nas possessões francezas da Oceania, por exemplo cessou totalmente esta odiosa pratica; Mr. Julio Durand, ex-conselheiro geral da Nova Caledonia e antigo adjunto do maire de Numéa prova o contrario na *Revue* e nas *Revue des Revues*, e appoia suas affirmacões com documentos authenticos! — Os escravos apenas mudaram de nome; chamam-se agora *engajados*.

As principaes casas de Numéa vendem, quando ellas proprias não exercitam o trafico, tudo quanto é necessario para o emprehenher.

Eis os annuncios que se encontram correntemente estampados nos jornaes locais:

J. Deferrière

Rue de l'Alina

Armas de caça e do trafico; espingardas d'um e dois canos de conta; — espingardas Lefauchaux. — Espingardas de dois canos de percussão central. — Carabinas Winchester, Saldier, Colt.

T. Vanins

Grande sortimento de facas, machados e machadinhas e de todos os artigos para o trafico. Comprador de todos os productos do paiz.

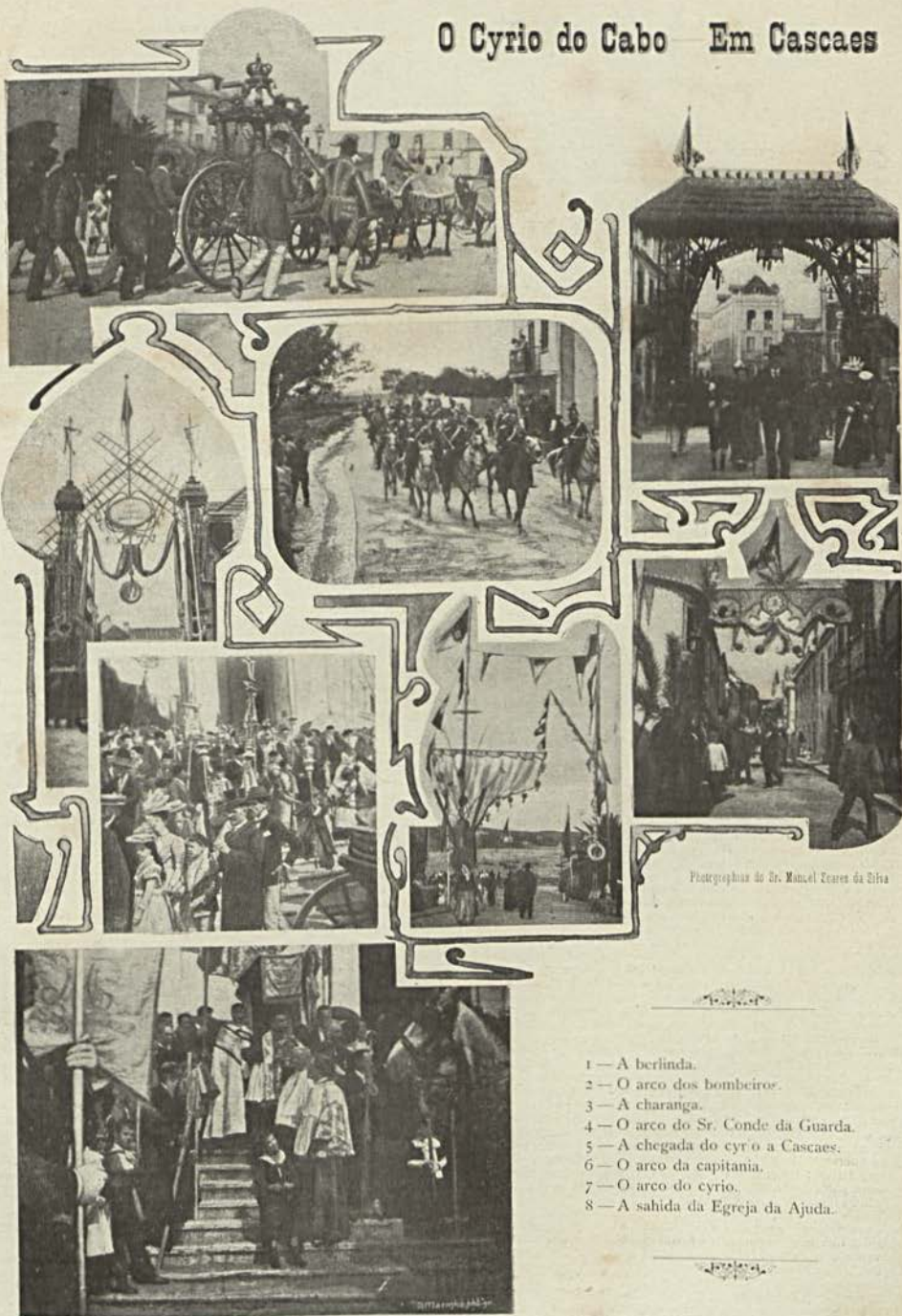
Depois de transcrever estes annuncios, descreve o jornal a maneira ardisosa e os estratagemas com que os eslavagistas fazem o trafico, carregando os seus navios de pau d'ebano, em troca de algumas espingardas sem prestimo e de presentes d'alcool aos chefes indigenas, a quem assim *ganham para a causa da civilização*.

— Como se vê é a propria imprensa franceza que dá o rebate do que se passa nas suas colonias da Oceania, em materia de escravatura, que aliás está abolida pelas leis de todos os paizes civilizados. — E no entanto, basta o mais futil pretexto, algumas vezes inventado para accusarem as autoridades portuguezas de conniventes no trafico, ou omissas na repressão dos crimes contra a liberdade dos pretos.

Cousas d'este mundo.

J. J. DA SILVA.

O Cyrio do Cabo — Em Cascaes



Photographes do Sr. Manuel Soares da Silva

- 1 — A berlinda.
- 2 — O arco dos bombeiros.
- 3 — A charanga.
- 4 — O arco do Sr. Conde da Guarda.
- 5 — A chegada do cyrio a Cascaes.
- 6 — O arco da capitania.
- 7 — O arco do cyrio.
- 8 — A sahida da Egreja da Ajuda.

NOTAS DA QUINZENA



— Não chores... que também vae! é o estribilho, que anda agora na boca do povo. Veu succeder ao *Talvez esquecerá*, que substituiu o *Deixa andar! Corra o marfim!* e que Eduardo Garrido dera voga na sua bella tradução *A Lagartixa*.

Em geral, nunca se precisa a origem d'estas piadas populares; ninguem sabe d'onde vieram, e um bello dia apparece toda a gente a diz-las. O *Honra-me!*, das mais antigas, lançou a no mercado da giria um palhaço do circo, por excepção conhece-se o autor. Mas o *Está-lá a ris!*... *Pois não, mas anda lá!*... *Está lá, ou é de getto?*... o recente *Rébenta a besta!*... e outros estribilhos são todos engeitados. Agora me lembro de outra excepção, o *Alt'chora!* que derivou d'uma noticia relativa a manifestação feita a certo ministro, que, conforme pormenorizava o informador, «até chorara commovido». D'ahi saltou para a rua, e da rua introduziu-se pelas casas o *Alt'chora!* Mas, na sua grande maioria, o estribilho vem sem paternidade conhecida, talvez por subir das classes baixas ás mais elevadas.

Nos primeiros dias desperta riso, mas depois torna-se enfadonho, porque a tudo, com ou sem applicação justa, se ouve a piada em commentario. Agora anda na *terra*, como diz o *Lé*, o *Não chores...* que também vae! E não ha quadra de reclamo que assim não termine, gazetilha que não o explore, gracinha que não o tenha como ramalhete. E a bomba final dos graciosos estereis.

Quem é pouco arrejado de ideias e pouco fecundo em ditos agrava-se ao estribilho do dia, embebe-o n'uma garchalada alvar, e despede-o, sempre que pode, julgando-o espirituoso setta. Ás vezes, não vem nada a proposito, mas o gracioso faz a festa, deita os foguetes, e affasta-se contente, na persuasão de ter largado uma boa piada! Actualmente impera o *Não chores...* que também vae! e não ha moço de padeiro, moço de recados, caixeirinho e janota a preços reduzidos, que não o solte ás varinas, ás sopeiras, ás costureiras e ás peccadoras nos seus encontros pelas ruas. Quem deu lá luz o estafemito? Talvez a exposição de Paris. Alguem que lhe quier ir, que choramingou por não satisfazer o seu desejo, e a quem carinhosamente observaram: — Não chores... que também vae!

Talvez.

Casacas embandeirou em arco durante quatro dias. No parque da sr. duquesa de Palmella realiso-se um arraial a favor das cozinhas economicas, sympathica instituição de iniciativa da illustre e caridosa fidalga. Esteve esplendido, principalmente á noite, pela belleza phantastica que, em terreno accidentado, lhe imprimia a variedade das illuminações. Atractivos em banda, — bazares de sortes a vintem e a cinco tostões, tombolas a mil réis, lanterna magica, animatographo, danças populares, decantantes, jogo de pau, e *fantoches*. Estes não eram dos modernos, eram dos antigos, d'aquelles que mais me agradam, e com que sempre rio a bom ri, dos que rematam todas as scenas por grossa pancadaria, com valente cacete de que um d'elles nunca se separa.

D'este genero não os via, ha muito tempo. A ultima vez, que me entrevissem durante uma hora, foi, ha uma boz duzia d'annos, na Figueira da Foz. Estava alli de passagem com Gervasio Lobato, o mais feliz cultor da graça infantil que temos tido, e a consumar um peçoço da noite entrámos n'uma barraca de *fantoches*: representava-se o *Santo Antonio*. A vida do thaumaturgo correu recheada de peripécias mais ou menos engraçadas, em que o diabo era o enredador, até que chegámos ao fim — a morte do santo. Sentado n'uma cadeira, exhalava o ultimo suspiro, rodeado de muitos frades, de aspecto compungido, quando de repente um d'estes gritou entre lagrimas esta phrase sentida: — «Morreu o Santo!» Que imaginam ter provocado esta dolorosa exclamação? Lagrimas em fio? Fervorosas orações? Deliquios? Nada d'isto. Ao grido de «Morreu o Santo!» os doze ou quatorze frades, que estavam em scena, arrancaram de grossos cacetes e desatarem á bordada á cabeça do morto, berrando com enthusiasmo phrenetico: — «Toma! Toma! Não se pode calcular a hilariedade que proveu de tão inesperado desfecho. Eu caí da cadeira; o Gervasio suffocou-se a ris, e sem que reinasse ainda o estribilho, até chorou!

Pois os *fantoches* do arraial Palmella pertenciam a este genero dramatico! Com elles passei uns momentos divertidos, que me puxaram doze annos atrás. Só por isto lhes fiquei grato; que a saudade, a que estão ligados os mortos, é das que não são estragadas, e ficam eternamente doces. Ás vezes, quando envolve só vivos, vem tão intensa, desperta tantos sentimentos adormecidos, que não se pode fugir á tentação de reconstruir praticamente o passado. Mas tudo tem envelhecimento, a começar pelo coração, e em vez de se regressar a antigas alegrias, só se consegue dar cabo do que ternamente gerou a estupidéz de se querer voltar atrás — da propria saudade. Com os mortos não é isso possivel: a saudade fica pura, suavemente humedecida pelas lagrimas, n'um sonho agradável, embora o coração se confrania.

Pobre e bom Gervasio Lobato!

A concorrência aos bazares de vintem foi tão grande, que ao terceiro dia tinham-se esgotado as sortes. Premios valiosos offerecidos por varias companhias, empresas e alguns particulares, e que tinham sido habilmente annunciados, determinaram affluencia colossal de compradores de rifas. A um policia coube a maior felicidade, que se pode colher em jogo: ganhou um premio, e que premio! — uma machina de costura — em ter gastado um real. Apanhara do chá uma porção de rifas, que tinham caído d'um dos açafates, e ia entregal-as, quando

a sr.ª duquesa, pagando por elle, lhe disse: — São para si, se tiverem premio pertence-lhe. Foi á primeira — a machina de costura! — «E casado?» perguntou-lhe logo algum. — «Não senhor!» respondeu o feliarido, sorrindo-se. Solteirinho, e só.»

Foi o seu dote! Um policia, como um guarda municipal, tem sempre a mais alta cotação no mercado das creadas de servir. Ora este amigo, policia, e de machina de costura, não lhes digo nada, vai ser o *grand prix* das corridas sopeiras!

Tenho estado á côca, a ver se entre os annunciados dos jornaes lo-bridge este: **Policia com machina de costura** — Offerece-se em casamento. Recebem-se propostas em carta fechada na administração d'este jornal.

Ainda não appareceu, mas ha de apparecer!

Rompeu a quinzena com violentos boatos de crise ministerial. O ministerio da fazenda gemia desde os seus alcerces, e o respectivo ministro era arremeçado da janella ao Terreiro do Paço, agarrado ao seu livro *A Terra*, qual Camões salvando os *Luciados*. O ministro da marinha atravessava os corredores, que vão do seu gabinete ao d'aquelle seu collega, fazia um desembarque em forma, e apossava-se d'aquelle pasta. O governador civil de Lisboa, largando os regulamentos que anda cogitando, mettia-se n'um *custe*, batia Chiado abaixo, rua Nova do Almada, rua do Ouro e Terreiro do Paço, entrava pelo gabinete do ministro da marinha, e achando o logar vago, tomava conta d'elle.

Era uma crise muito movimentada, bem posta em scena, com um unico defeito, um pequenino senão, o de ser falsa. Os boatos, que a noticiaram, ainda foram explorados por alguns dias, mas ao cabo d'elles desfizeram-se como bola de sabão. Quem a sorparia? Sabe-se tanto, como se sabe quando lança um estribilho. Á base, que deu causa aos boatos, o sabão dissolvido em agua, a materia prima conhece-se: foi o *custe que custar!* ignora-se, porém, quem usou do canudinho.

Quando o sr. Anselmo d'Andrade tomou conta da pasta da fazenda, declarou aos seus collegas: — «Hei de equilibrar o orçamento, *custe e que custar!*» Ora este *custe e que custar* constituiu desde aquella hora motivo para todas as phantasias de crise, que, a dar-se por tal declaração, existiria desde o momento em que s. ex.ª entrou para o governo. E' possivel que do *custe e que custar* derive crise — quem sabe? — mas só quando o sr. Anselmo d'Andrade apresentar o seu plano financeiro e economico. Então, e só então, é que sairá o ovo. Por enquanto está na pasta do talentoso ministro, que é onde se mettem lembranças e memorias, e se *confeccionam* os ovos politicos e administrativos. Se o conselho de ministros, que é o gallo de sete cabeças, galla o ovo, vez a cousa bem, e é contar com boa ninhada; mas se o gallo, em vez de arrastar a aza, faz meia volta, então está o caso mal parado. A gallinha, em vez de pôr o ovo na capoeira e cacarejar de alegria, recohe immediatamente a casa, e vai ter a sua *differença* na carneira. Ora, por enquanto, ainda é muito cedo para o sr. Anselmo d'Andrade fazer cá cá cá cá, ou para ir para o carvão.

Lá para novembro é que se lhe poderá perguntar: — Onde pôe a gallinha o ovo?...

Foram El-Rei e a Rainha ao Porto, que os acolheu com o mais fervoroso enthusiasmo e o mais carinhoso affecto. Não ha memoria de recepção mais festiva.

Quem viu o Porto, ha um anno, erigido e feroz, e que o vê hoje suave e brando, desfazendo-se em blandicias! E' certo o proverbio: depois da tempestade a bonança. Desappareceu a tempestade da peste, do *bacillus*, da bacteriologia, da desinfecção e do terrivel cordão sanitario, tudo desordenadamente combatido, applicado e decretado, e surgiu para a normalidade da vida de trabalho a quietação e o bem estar. O tigre fez-se pomba, e a pomba com um ramo de oliveira no bico foi a Campanhã saudar os regios visitantes.

Estrellaram o firmamento girandolas de foguetes, troua a artilheria com as suas salvas, soaram hymnos, espargiram-se flores, cobriam-se de colchas riquissimas as fronteiras dos predios, illuminou-se a cidade em festa, houve baile, jantares, e o Porto, que, ha um anno, pelo boato das suas urnas electoraes grita *Viva a Republica!* não para defender tal forma de governo, mas unicamente para protestar gritou agora muitas e repetidas vezes com toda a força dos seus pulmões — *Vivam Suas Magestades!* a annunciar-lhes que d'aqui a um mez, pouco mais ou menos, as urnas serão as mesmas, mas as listas é que hão de ser diferentes.

E' que as urnas parecem-se com algumas mulheres, que commettem uma infidelidade não por amor, mas por vingança, e quando caem depois em si, tomam odio áquelle com quem peccaram, e redobram d'amor por quem as fez peccar.

Agora o espirito dos portuenses conjugou-se tanto com o dos monarchas, que as urnas das quinze freguezias da cidade invicta ficaram taes quaes Suas Magestades: — fidelissimas.

Um caso de suggestão! Mas, não por agora, convem lembrar que ao receber-se no Paço a noticia de que o Papa conferira ao Senhor D. João V o titulo de Fidelissimo, a esposa do piedoso monarcha se sorrija, e murmurara: — Fina ironia a de Sua Santidade!

A Kermesse no Parque dos Duques de Palmella,
em Cascaes



-
- 1 — O Chalet Palmella.
 - 2 — A barraca da Sr.ª Duqueza.
 - 3 — A Sr.ª Duqueza passeando no parque com o Sr. Jayme
Arthur da Costa Pinto.
 - 4 — A barraca da Tombola.
 - 5 — Vendedeiras de agua.
 - 6 — Marionnettes.
 - 7 — O mastro de Cognac — O vencedor.
-

Theatros

D. Amelia

SARIMOS agora do theatro onde actualmente está representando a fmg flor dos artistas portuguezes. A peça de que temos hoje que falar é a comedia de Cypre, o brilhante chronista do Figaro: «Os maridos de Loucinha». E ainda o assumpto umas phantasticas consequencias da celebre lei Naquet, que permite o divorcio em França. Os personagens são francezes, os caracteres francezes, os usos francezes, de forma que nem o nosso publico pode apreciar com quanta verdade aquelles papeis são desempenhados, nem os artistas, em geral, podem incarnar-se n'elles com inteiro conhecimento, nem a critica, a pobre e triste critica pode julgar com segurança.

E, apesar de tudo isto, de tanta difficuldade no desempenho, podemos affirmar que a comedia está bem posta em scena e é superiormente representada.

O actor Gil, por exemplo, é uma insignificantissima rabula mostra nos bem o valor dos recursos de que dispõe. A caracterisção, e modo de se apresentar, os gestos, a maneira de dizer, tudo n'elle é impecavel.

Brasão, Rosa Damasceno e Carolina Falco são artistas de tal valor que tudo o que d'elles dissemos seria banal. Agradou nos muito Maria Falco no seu pequeno papel. Sabe apresentar-se, diz com naturalidade e é formosa — tres qualidades que hão de dar-lhe um largo futuro na arte que com tão grande aproveitamento tem sabido cultivar.

A tradução, confiada a Mello Barreto, é primorosa, mas não conseguiu, claro está, nacionalisar a peça.

Em resumo: todos dignos de applausos sinceros, porque com um assumpto de que, entre nós, se não pode fazer a exacta comprehensão ninguém faria mais, nem em parte alguma se faria melhor.

Gymnasio

A comedia em tres actos de Hison e Deolerec «Cimentas» primorosamente traduzida por Leopoldo de Carvalho, e que ultimamente subiu á scena no theatro do Gymnasio para apresentação da actriz Adelaide Coutinho, agrada sobremodera ao publico habitual d'aquelle theatro.

N'aquelles tres actos conseguem os autores, sem situações de farsa e sem phrases equivocas, fazer assistir os espectadores a uma serie de peripetias engrasadas, que se succedem sem esforço n'uma bem urdida acção e obrigam o mais sadio a soltar successivas gargalhadas.

O entredo da peça não é complicado. Apenas uma mulher cimentada (Adelaide Coutinho) que, alem de fazer um inferno da vida do marido (Telmo Larcher) consegue, com a simples expozição dos seus principios acerca da fidelidade dos maridos em geral, e do seu mais particularmente, não só despertar o ciúme n'uma amiga sua, cuja confiança é absoluta, mas até, por momentos, levantar a discordia entre os proprios paes (Barbara e Cardoso) modelos de esposos.

Adelaide Coutinho é uma actriz na mais exacta significação da palavra, e,

em trabalhos de maior folego, deve evidenciar-se por maneira a não deixar duvidas acerca dos seus merecimentos.

Telmo, sempre correcto e sempre engrasado, foi um marido victimado pelo excessivo amor de sua mulher. É de uma verdade flagrante.

Cardoso e Barbara muito bem, havendo talvez a notar n'aquelle mais sobriedade nos lances comicos, que, ás vezes n'elle, desachem no burlesco.

Todos mereceram os applausos com que o publico os compensou.

«O bigode louro» é uma comediadinha n'um acto que tem igualmente por assumpto o ciúme e onde Ignacio nos apresenta um professor de linguas bem caracterizado e bem estudado.

É accommodada á scena portugueza por Leopoldo de Carvalho. O mesmo é dizer que está bem feita.

Avenida

A musica do autor da Mascotte encontrou agora no theatro da Avenida, dirigido por Sousa Bastos, interpretes que fazem valer todas as suas belezas.

É um verdadeiro encanto o desempenho da operetta «A Boneca» que já no Brasil tantos applausos tinha conquistado a Palmyra Bastos.

Está posta em scena com um gosto, um luxo a que n'aquelle theatro o publico não estava costumado. As scenas do primeiro quadro do primeiro e do terceiro acto, ambas passadas n'um convento, são primorosas e dão honra ao artista que as executo. Equilamente bem a do segundo quadro do primeiro acto, a officina d'um fabricante de bonecos.

O entredo da peça é tudo o que ha de mais proprio para despertar a attenção d'uma artista como Palmyra Bastos.

Lancelot, um rapaz cheio da mais ardente fé, é noviço d'um convento a que quer doar a herança que ha de ter d'um tio. O tio, porém, pôe como condição a essa herança o elle casar, o que o impedia de professar como era seu desejo.

O superior, a quem a doação muito convem, lembra-se de que na cidade proxima ha um fabricante de bonecos chamado Hilario que tambem perfeição ponha nos seus artefactos que chegam a Hilario completamente. Fala então a Lancelot para elle procurar Hilario, comprar uma das suas bonecas e casar com ella, visto que esse casamento em cousa alguma impedia os seus votos.

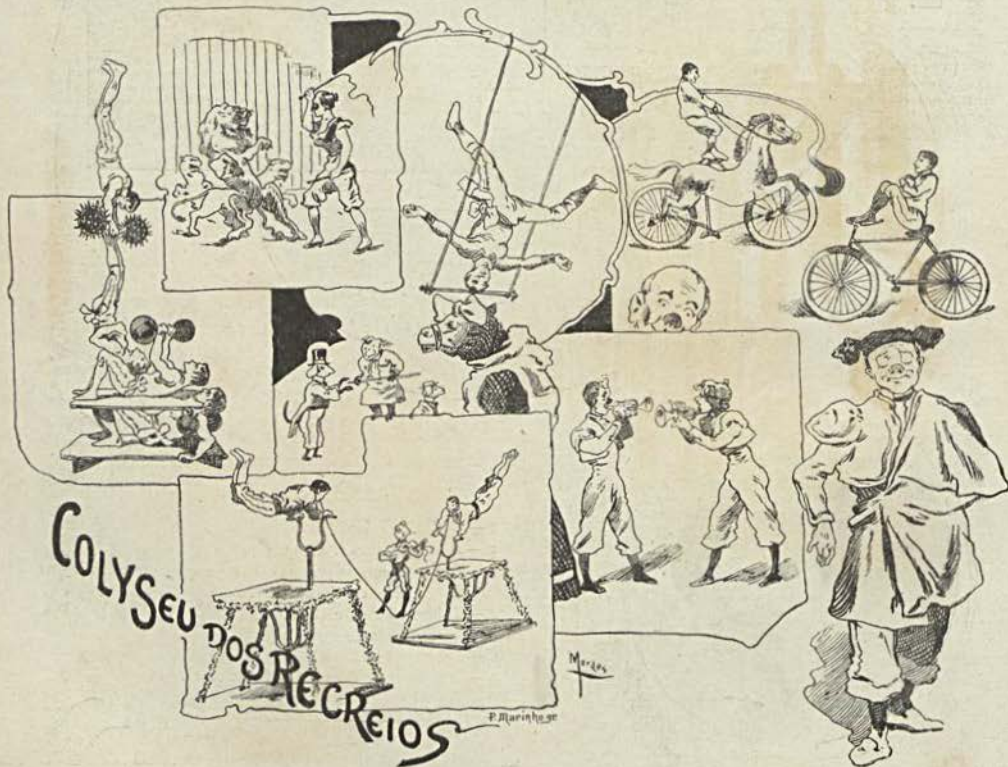
Hilario é casado e tem uma filha que já mostra um sincero affecto por Lancelot a quem costumava ver na igreja.

Quando Lancelot procura Hilario tem este terminado duas bonecas perfectissimas, ás quaes serviram de modelo a mulher e a filha, Bonifacia e Alina. E, como as bonecas se partissem quando as limpavam, as duas, para occultar de Hilario esse desastre, resolvem fingir de bonecas quanto por ventura o fabricante quizesa vel-as, contando para isso com a sua excessiva ingenuidade.

D'aqui as mais engrasadas consequencias e tal é o entredo da peça!

Palmyra Bastos (Alina) Jemina (Bonifacia) Alfredo de Carvalho (Hilario) Antonio Sá (Lancelot) são os principaes interpretes e todos se houveram de modo a merecer os mais coloridos applausos!

A musica foi ensaiada por Dias da Costa e a orchestra é dirigida pelo maestro Rio de Carvalho. O mesmo é que dizer que a execução é brillantissima.



COLYSEU DOS RECREIOS



EM PLENO ABRIL

A abelha, a zumbir no prado,
Gira,
E o mel, do polen doirado,
Tira,
Para o seu favo arrendado!

Constroe, sob o meu beiral,
Ninho,
Uma andorinha real!

Promette, o pampano em flor,
Vinho,
Como um precioso licor, —
Que até se possa offertar
A Deus, nas aras do altar!

O pomar, ao vento ondeando,
Canta,
Como os passaros em bando:
A fructa já repintando . . .
Tanta! . . .

D'entre as sombras vem saindo,
Nova, —
E d'um verde fresco e lindo,
Folha d'hera que procura
Cova,
Que ha de ser-me sepultura!

Monte de Caparica, Torre ab., 28-1900.

BOLÃO PATO

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão
 Textos e cartas: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 50
 Páginas supplementares: Od.º Escrivão Nunes & F.º
 Rua d' Assumpção, 18 & 24
 Romance: Typographia Castanhêiro
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares
 Editor
 Luis Antonio Sanchez
 Redacção e administração—Rua Ireena, 52
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	moeda brasileira.....	Anno.....	6\$000	Anno.....	8\$300
Numero avulso.....	1\$300	6 meses.....	28\$500	6 meses.....	42\$500
		3 mezes.....	12\$000	Numero avulso.....	3\$000
		Numero avulso.....	3\$750		

SUMMARY

Os irmãos Andressen.
 O Porto e o Hei—Augusto de Castilho.
 A morte d'um justo—Lino d' Assumpção.
 A visita da Família Real ao Porto.
 A nossa vida—(Viagens do futuro)—Silvio Rebelo.
 A caridade—H. de Barros Gomes.
 Casacos.
 Um monumento na Bulgaria—(Projecto de um artista portuguez)—Xavier de Carvalho.
 A literatura—J. J. Silva.
 Casacos—O cry do Cabo.
 Notas da quinzena—Eduardo Schwalbach.
 Casacos—A terracotta no Parque dos Srs. Duques de Palmella.
 Theatros.

Páginas supplementares

Lorjô Tavares.
 Almanack para 1901.
 Collaboração artistica.
 Lithographia.
 Antologia.
 Cartas da Quinzena.
 Funeraria—E. d' A.

47 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO—S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alameda, 4, sobrado).
 PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.
 PARA—J. B. dos Santos & C.º—(Livreria Classica)—Rua José Alfredo, 50.
 PARANÁ—A. Fochadella—Casa Andressen & C.º—Praça Tamandaré.
 PARANÁ—Leocádio J. de Medeiros & C.º.
 PIAUÍ—Balthes Torres & C.º.
 BAHIA—José Luis de Fonseca Magalhães (Livreria Magnifica)—Rua Direita do Palácio, 25.
 RIO DE JANEIRO—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAM (Guiné)—Casar A. Gouveia da Silva Boman. Thronouiro geral da Provincia.
 MOÇAMBIQUE—D. Bernardo Heitor da Silveira do Lorena.
 MOÇAMBIQUE—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
 QUELIMANE—Henrique Lima.
 BENGUELLA (Egypto)—Mathous & Tavares.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 43, 1.º.
 LISBOA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, director da Scaificação dos tabacos.

BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 FONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.º.
 COIMBRA—Joko Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.º

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

LORJÓ TAVARES

O nosso illustre amigo o sr. Lorjô Tavares, director d'esta Revista, regressou já do Brasil, onde prestou ao Brasil-Portugal serviços relevantes, aos quaes muito deve por certo o credito colossoal que este quinzenario tem tido na America do Sul.

ALMANACH DO «BRASIL-PORTUGAL» Para 1901

O almanach illustrado do *Brasil-Portugal* para 1901 deve ser posto á venda nos primeiros dias de dezembro.

E' um elegantissimo livrinho de perto de 300 paginas, artisticamente organizado. Abre-o um engraçado *Juizo do anno*, firmado por Fialho d'Almeida, e ao longo d'essas paginas, recheadas das mais bellas gravuras, admirar-se-ha desenhos dos mais distinctos pintores, como Ramalho, Villaça, Roque Gameiro, etc.

O *Juizo do anno* é illustrado pelo distincto caricaturista Jorge Collaço.

E por ora mais nada.

COLLABORAÇÃO ARTISTICA

Todas as gravuras que não teem indicação de *cliché*, são reproduzidas da photographia do collaborador artistico effectivo d'esta Revista, o sr. Arnaldo Fonseca.

Um sujeito vendo outro a apanhar lambada de criar bicho, exclama:
 —Cheque-lhe, cheque-lhe, mas não lhe estoreie a pelle: é um magnifico bombo que se perde.

BIBLIOGRAPHIA

Theatro Pittoresco.—N'um livro assim intitulado acaba de juntar o distincto escriptor e laureado auctor dramatico, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, as suas duas ultimas obras theatraes representadas: *O Salto Mortal*, uma deliciosa comedia em 1 acto, e em verso, cuja estreia data de 1894; e *o Amor Louco*, drama em 4 actos, que ha 1 anno se representou no theatro de D. Amelia.

Do valor de ambas estas produções dramaticas, que não fizeram nunca confirmar o alto valor litterario e theatral do glorioso auctor do *Duque de Viseu*, já se occupou a critica quando ellas appareceram em scena.

Sylvio Romero.—Publicou, no Rio de Janeiro, o sr. Laudelino Freire, um livro muito curioso a que elle chamou *Página de critica impressionista* sobre o conhecido publicista Sylvio Romero e a sua obra, especialmente a *Historia da litteratura brasileira*.

O sr. Laudelino Freire elogia bastante a obra do historiador, e mostra-se severo para com o critico, censurando-o sobretudo pelo tom aggressivo com que abocanha tudo e todos, e apontando-lhe mais contradições caracteristicas.

E' um livro muito interessante e valioso, sobretudo para o estudo da litteratura contemporanea brasileira.

Mais valio tarde que nunca.—Um pequeno folheto de 16 paginas encerra esta comedia em verso, n'um acto, original do sr. Antonio de Lemos, e editada no Porto. E' um doce idyllo entre dois personagens, Julieta e Armando, que acaba como muitos outros idyllios—pelo criamento.

Que sejam felizes e tenham muitas meninos e o auctor, . . . tambem, porque pôde e deve continuar trabalhando.

D'esta edição fizeram-se 800 exemplares numerados, sendo o producto dos primeiros 400 a favor dos tuberculosos da Foz e dos outros a favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

N'uma sala:
 O comensalador X.º, conta os episodios da sua viagem pela Europa:
 —V. Ex.ª esteve em Veneza?
 —Estive, sim, minha senhora.
 —Vin o leão de S. Marcos?
 —Justamente na occasião em que lhe traziam o jantar: uma enorme celha cheia de carne!

Prozem os preciosos vinhos
 de Adriano Ramos Pinto

PSYCHOLOGIA DO CHAPEU

«O estylo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéio; Pois sabe hoje todo o mundo Que «o homem... é o chapéu!»

Acreditem! não respinguem! E' a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito. Com um chapéu de forma vil, Amarrado e mal feito, Diz se logo: «Que imbecil!

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéu ideal. Comprando-o na Americana Do Carvão Portugal!

Mas quando algum apparece Trazendo no cráneo, ao sol, Um chapéu que resplandece. Que brilha como um pharol.

Um chapéu limpo, correcto, Que atrahie e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua fórma sem par.

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: «Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo, Com vóo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéu?

CHAPELARIA

AMERICANA

133 — RUA DO OUVIDOR — 133

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAÓS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc. Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispoendo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicas.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Morreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermittentes, bexigas, typho, dysenteria, bérberi e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehendem a necessidade da conservação da saúde pelos meios hygienicos, e antisepticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem manir-se de alguns vitrinhos, do **Elixir anti-epidermico Beirão**, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saúde; levam consigo a certeza de regressarem sã e salvas ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta, acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saúde tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do **Elixir anti-epidermico Beirão** estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, bérberi e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados de posto

DROGARIA BEIRÃO

DE CARVALHO LEITE & C.

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103 — PARÁ

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria.—Estão marcadas a penúltima e última do *Papa Florens* para os dias 13 e 15. A peça de Lemaitre, *Irmã mais velha*, traduzida pelos srs. Luiz Garharido e Manoel Penteador, tem 4 actos e 5 quadros, e está assim distribuída:

Ferreira da Silva
Fernando Maya
Augusto Mello

O Pastor Petermann...
O Pastor Mihili...
Dumay

Muller...
O Tenente Dumay...
Jorge...
Jayme...
Guilherme...
Harold...
Lia...
A sr.° Petermann...
Norah...
Dorothea...
Josabeth...
Elsa...
Desdemona...
Uma creada...
Vienchatel — Suissa — Actualidade

Joaquim Costa
Carlos Santos
Francisco dos Santos
Theodoro
G. Macedo
Francisco Sampayo
Virginia
Amelia Vianna
Rosa d'Oliveira
Cecilia Machado
Judith Corrêa
Ninette de Souza
Alice Perestrello
Sarah Coelho
— Actualidade

Eis a distribuição:

Piccolo.....	Palmyra Bastos
D. Melchior.....	Alfredo de Carvalho
Barabino.....	Roldão
Castroani.....	Amaral
Bastroco.....	Santos Junior
O Podestà.....	Carreira
Desconhecido.....	Sequeira
Pescador.....	Guerreiro
3 Ladrões.....	Ricardo, Rebocho e Queiroz
Fioreta.....	Aurelia dos Santos
Beatriz.....	Amelia Avellar
Ortensia.....	Carolina Santos
Domino.....	Denilda
	Adelaide Sequeira, Julia da Graça, Elisa Ferreira e Carolina

4 Pagens.....

Entretanto o publico continúa brincando com a *Boneca*.

Rua dos Condes.—Maria Gonçalves e o seu repertorio de zurzuelas, traduzidas com graça, em portuguez.

Principe Real.—O *Santo Antonio* lá anda entreteendo as meninas do 1.º bairro.

Calyseu dos Bercelos.—A meama companhia equestre acrobatica e gymnastica. Aqui tem alguns *croquis* de artistas.



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

— Sempre as ultimas novidades —

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações

TAUROMACHIA

Praça de Cascaes

A 27 de outubro vimos na praça de Cascaes uma corrida de 9 novillos do sr. José Martins dos Santos, que generosamente os cedou para serem lidados por amadores da aristocracia. A lide a cavallo foi confiada aos srs. D. Francisco Avillez, D. Vasco Sobogusa, Alberto O'Neill e D. Nuno Almada; e o toureiro a pé correu a cargo dos bandarilheiros amadores srs. Dr. Duarte Pinto Coelho, D. Luiz Lúmiare e Paulo David, alterando como forçados os srs. Jorge Rebello da Silva, Mario Greenfield de Nellias, Luiz Pimentel e D. Antonio d'Almeida (Lavrado); e como moços de curro o sr. D. Ruy de Siqueira (S. Martinho) e outros senhores de quem não sabemos os nomes.

A funcção não foi tão animada como esperavamos, mas ainda assim ouviram-se palmas durante o torneio, que correu como se segue:

As 2 horas e 46 minutos da tarde, findas as cortessias, sahio o 1.º garraão, negro, de forma alta, bravo e nobre. O cavalleiro D. Francisco Avillez realisa a sorte de gaiola e depois prende mais um ferro á fira e outro á garupa; a esta altura rebenta a cilha do cavallo, e o cavalleiro aguenta guapamente uma recarga montado em pelo. recolhendo.

O Dr. Pinto Coelho continúa a lide, a pé, cravando um par aberto e desigual e D. Luiz Lu-

miares prende meio. O bandarilheiro José Martins dá até 7 lances de capa e Jorge Rebello faz uma pega de cara.

2.º negro, meano e abanto, leva de Pinto Coelho e D. Luiz Lúmiare 5 pares e 2 meios, e é pegado á volta por Jorge Rebello e D. Antonio d'Almeida.

3.º negro e de corna curta, cumpriu bem. Alberto O'Neill sahindo-lhe o animal rapido não se armou bem para a sorte de gaiola que executou ao acaso. Partiu depois mais 3 farpas soffrendo um toco no cavallo ao deixar a ultima, á meia volta.

Depois de 2 lances de José Martins, Greenfield de Mello fecha-se n'uma pega de cara.

4.º negro, de corna fechada e... manso. Paulo David *caurtou* um par e o Dr. Pinto Coelho 3 pares.

Manoel dos Santos dá 2 *mantos* e do tourel solta-se um outro novillo já toucado.

5.º negro e de corna grande cumpriu. D. Vasco Sabogusa esperou-o bem á gaiola e depois deixou 6 ferros largos, fazendo-lhe 2 garrao *monche* no cavallo, no remate d'algumas sortes.

José Martins tem difficuldade para passar a rez que se tornou de sentido, e, depois de sahirem os mansos, comquanto o corrupto espaldasse dos cabrestos D. Ruy S. Martinho fez uma cernelha de primeira ordem.

Eram 3 horas e 35 reabrindo depois a sessão ás 3 horas e 46 com a sahida do 6.º negro, brgado, de corna grande e alta e manso.

D. Nuno Almada fez artisticos esforços para

farpear, mas tudo foi impossivel ante a mansidão do bicho que, á força, levou um unico ferro.

Jorge Rebello faz uma pega de cernelha superior.

7.º negro e bravo. O Dr. Pinto Coelho põe-lhe 2 meios pares e um inteiro andando até á cara, e D. Luiz 2 pares.

Luiz Pimentel cita a rez de largo a largo e pega-a de cara.

8.º negro e de corna curta. D. Nuno Almada e O'Neill alternam na lide a cavallo competendo ao primeiro 2 boas farpas á meia volta e ao segundo 4 em sortes de sorte.

José Martins abre-se tres vezes de capa e D. Antonio (Lavrado) faz uma pega de cara.

9.º negro, de corna grande e manso. D. Luiz larga-lhe um par a *cuarto* e a relance; o Dr. Pinto Coelho 2 pares e meio e Paulo David termina com um inteiro.

José Martins estende-lhe o capote 6 vezes e Jorge Rebello pega-se de costas. Eram 4 horas e 37 minutos da tarde.

A corrida foi bem dirigida pelo distincto *aficionado* sr. D. Manoel Figueira Freire da Camara e coadjuvada pelos artistas José Martins, Francisco Branco e Manoel dos Santos, que com as suas jaquetas e boinas catalãs mais pareciam jogadores de pelota.

A praça tinha farta concorrência, vendendo-se na tribuna real S. S. M. M. e A. A. e o Sr. Infante D. Afonso que foram muito aclamados á entrada e á sahida.

E. P. A.

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263.000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297.000\$000	↑ ↓	Reserva de re-seguro	2.601.265\$577
Novos seguros propostos em 1899	24.451.000\$000		Sobras-Garantia suplementar	491.283\$804
Seguros acceltes em 1899	20.895.000\$000		Valor actual sobre o valor nominal de titu- las e predios que possui.....	200.000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899	2.556.000\$000		Sinistros pagos até esta data.....	1.028.000\$000
Rendê em 1899	8.428.542\$128			

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encómio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

Manteiga Burnay

Aviseo aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cozinha

Especie
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as prin-
cipaes mercarias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEP. T. 13 EC. 111 S

João Luiz Fernandes & C.^a — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.^a — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Afonso Vianna & C.^a — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.^a — R. S. Julião, 92 a 100, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

V.^{IA} WENCESLAU GUIMARAES & C.^A

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.^o 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da N.^o 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — taxa de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a taxa de 5 % e commissão de 1/2 %, de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 3 1/4 á ordem e 3 %, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades á Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende á prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto: esta installa a mesma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operacões da Companhia.

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

ENDERECO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO. 97 — LISBOA

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. da General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

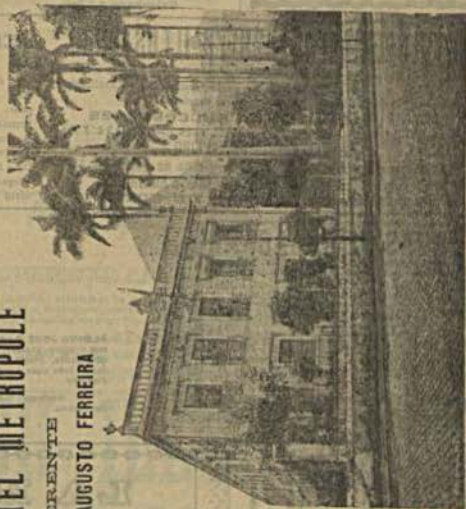
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

paga veis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situação das faldas do Corcovado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

610 DE 2455166



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições
de
Londres, 1862; Boston, 1893 e Paris 1889 e 1878

ANTIGA CASA

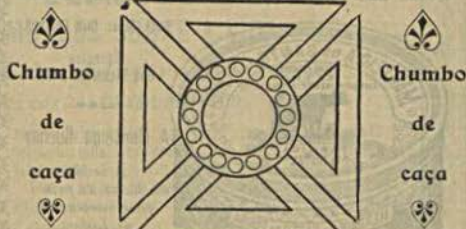
PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMERCIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolfas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.



Chumbo
de
caça

Chumbo
de
caça

QUALIDADE SUPERIOR

Dureza
Perfeição
Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735 Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. AIDA

C. do Corrello 312

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, açoes de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acho-se publicada o 1.º volume. Preço em todo o Brazil (moeda brasileira) broch. 328000 réis, enc. 468000 réis. Assigntura permanente — Publicação de uma edicão mensal de preço de 38000 réis franco de porte.

EDITORES: LEMOS & C.º successores
Largo de S. Domingos, 63. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lista da Escola Medico-Chirurgica da Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carneiro, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Duolugos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Ferreira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Gd, Francisco de Alencar, Francisco Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jaime de Faria, Jayme Filinto, dr. João Palma, Joaquim A. Camberra, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queriel, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentim de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

AGUAS DE CARABANA

PONTEFERRA SEM OBITER REPARITORES, ANTI-DILOGAS, ANTI-HEMPTICAS E ANTI-ESCRIPHIOLAS
12 MEDALHAS D'OURO-10 DIPLOMAS D'HONRA
Tudo se garranta leveis em todos os a dross das maiores depozitarias para Portugal, Lisboa e Alentejo.
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS
Depozitar: RIBEIRO DA COSTA & C.º
150, Rua do Arsenal, 152 — LISBOA



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 93 de Rua Nova de Almeida tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todos os qualidades, assim como brangas, leques, parafumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira de seu genero em servir bem e por pouco dinheiro.

Respondeo que se deve dar de vista com respeito a Lisboa.

Escreva a mim
Livros e outros PREÇOS A SILVA
PARÁ — R. Cons. João Alfredo, 38
Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.
PREZIOSA DE MACIELLE
Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna.

LA UNION Y EL PENNY ESPAÑOL
Capital: 12.000.000.000.000
De este valor pago desde 1884 até 1888
FELIX DE RIVERA & C.º
Respondeo a todos, segundo la ley
Egualdad (igualdade) e de los Españoles
Compañia de Seguros contra los Incendios Maritimos
de la Union de Seguros de cualquier clase
Lisboa — Rua de S. Pedro, 46, A.

LA BÉGARRE
F. CARNEIRO & C.º
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.
Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

HOTEL DURAND
English Hotel — Lisboa
7, Rua das Flores — Largo da Quitanda
Bom hotel, situado na parte mais central de Lisboa, com todas as comodidades de uma casa de primeira classe.

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNE TRANSATLANTICA



Para Dabar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros do 3.º classe trata-se com José Antunes dos Santos & C.ª A. Praça dos Bonifães.
Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agenciam. da Companhia, Rua Aurora, 32.
Pela Companhia das Messageries Maritimes
Esc. Partidas.

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.º

Porto

Casa fundada
em
1872

Premiada
com os primeiros
premices em todas
as exposições.

A. Pinto Santos Juniors & Comp.
CASA FUNDADA EM 1872

Fabrica de Capsulas de S. Payo

VELLA NOVA DE GATA

Preços de capsulas para garrafas

12 mm.	18000 rês por 100
15 " " " " " "	15000 " " " "
18 " " " " " "	12000 " " " "
20 " " " " " "	10000 " " " "

para encunadas não inferiores a 25000 rês

Representa em PORTO

JULIANO O. PEREIRA

46, Travessa da Cavalleira, 55



CESAR A. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

DE

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.ª

LISBOA



BILHARES ARTÍSTICOS PRIVILEGIADOS

Unicos guarnecidos com a celebre tabella SOUVERAINE

Fornecedor Unico depositado em Portugal da celebre tabella SOUVERAINE e de todas as da Casa 'Reut' acco sorios da casa ST. MARTIN, de Paris.

A maior fabrica de BILHARES do mundo

Grande sortimento de pianos de 4 até 90 libras. Unicos de origem em Portugal dos celebres pianos de F. WEBER, de Berlim.

ANTONIO J. P. SAMPAIO

Largo da Graça, 114, 115 e 115-A—Officinas—Travessa do Monte—LISBOA

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.ª—Rua de S. Paulo, 216, 2.ª—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 219

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de pair, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.ª

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA
Dr. Manoel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luís Dupret

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escritorio, papelerias, livros em bruno, chapéus, lanterninas, cordões para visões, Relojoaria, Cadeiras de montar, Bompas feitas, pormenores, lufas, guarnições, Cadeiras de viagem, Utensilios, artigos para presentia.

GRAND RAYON DE BIJOUXERIES

O systema de vender tudo com pouco lucro é applicado no Bazar da Indústria.

Vendas por atacado e a retalho

PROVA OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE
Cristiano Almeida



PÂTISSERIE SUISSE
PROPRIETARIO
JOAQUIM J. DE MAGALHÃES

Variadissimo sortimento de vinhos e licores de uva e de outras. Tomam-se encommendas de baches, jantares e soirées. Cognac, champagne, etc. Serv. por commenda ou à la carte.

174, Rua d'El-Rei
(Valgo dos Capellães)
LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO

PARÁ 1901

Com uma tiragem de

50.000 exemplares

O Almanach Illustrado do Brasil-Portugal, impresso em papel de luxo, conterá 350 paginas e mais de 500 gravuras ineditas e será posto á venda antes do fim do anno.

JOSE SILVA & C. A.

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florento d'Abreu, 34

S PAULO



Casa matriz e fabrica

BUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO



Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



Casa — filial S. PAULO